



Revista Tempo e Argumento

E-ISSN: 2175-1803

tempoeargumento@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina
Brasil

Dallabrida, Norberto

Professor Américo, o historiador da longa duração

Revista Tempo e Argumento, vol. 3, núm. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 6-8

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338130377002>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto



TEMPO E ARGUMENTO

Revista do Programa de Pós-Graduação em História
Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 06 – 08, jul. /dez. 2011

DOI: 10.5965/2175180303022011006
<http://dx.doi.org/10.5965/2175180303022011006>

PROFESSOR AMÉRICO, O HISTORIADOR DA LONGA DURAÇÃO

Norberto Dallabrida*

No dia 7 de outubro do corrente ano, o professor Américo da Costa Souto completaria 80 anos. Sob o impacto de sua morte, ocorrida em meados deste ano, ele foi lembrado como o precursor na renovação dos estudos históricos em Santa Catarina. A sua obra de vanguarda merece ser colocada em destaque e rememorada por sua relevância no campo historiográfico.

O pioneirismo do professor Américo na compreensão da história deve-se ao fato de ele se apropriar das proposições historiográficas da chamada Escola dos *Annales* e, particularmente, de Fernand Braudel. A Escola dos *Annales* foi um movimento historiográfico francês que ganhou visibilidade a partir de 1929, com o lançamento da revista homônima. A escola francesa – como gostava de chamá-la o professor Américo – procurou superar a História Tradicional, focada na descrição de acontecimentos históricos, pela análise de processos sociais em perspectiva temporal. Professor da USP entre 1935 e 1937, Braudel converteu-se na principal liderança dos *Annales* no pós-guerra, destacando-se por pensar além dos fatos pontuais, conjunturas e estruturas históricas, ou seja, tempos de média e de longa duração, bem como por contaminar a História com outras disciplinas.

É a partir da chave braudeliana que o professor Américo ministrava as suas aulas e escrevia os seus ensaios. Como docente das disciplinas História Moderna e Contemporânea na UFSC, entre 1963 e 1991, ele trabalhava a multiplicidade temporal e integrava à leitura histórica diversas disciplinas, especialmente a Geografia, a Economia e a Sociologia. Em primeiro lugar, focalizava a Civilização Ocidental, plasmada pelo cristianismo, como “longuíssima duração”. O Ocidente era dividido em estruturas, isto é, durações longas – as

*Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina. Autor de “A fabricação escolar das elites” (Editora Cidade Futura). E-mail: norberto@udesc.br

idades média, moderna e contemporânea – e estas desdobradas em tempos menores, as conjunturas, que podem durar séculos ou décadas. Os acontecimentos eram situados na superfície dos tempos mais longos.

Nas suas aulas, embora estimulasse os alunos a “identificar a hierarquia das durações históricas (estruturais, conjunturais e factuais)”, o professor Américo chamava a atenção para os fatores permanentes da Civilização Cristã Ocidental. Ele propunha exercícios braudelianos, que consistiam em compreender um acontecimento datado nas suas conjunturas e estruturas históricas. As revoluções (francesa, russa e outras) eram analisadas a partir de quatro momentos: o início moderado, a radicalização à esquerda, a volta ao centro e a guinada à reação. Nas suas aulas meticulosamente preparadas, o velho mestre braudeliano movimentava a multiplicidade temporal, mas acabava por enfatizar as permanências históricas. Para tanto, citava com frequência o personagem Tancredi do romance *Il gattopardo*, de Giuseppe Tomase di Lampedusa, que afirma: “Em história as coisas mudam para continuarem como estão”.

De outra parte, os ensaios históricos do professor Américo também eram construídos à luz da temporalidade múltipla. Ele escreveu sobre vários temas, como a Revolução Francesa, o mundo russo e o expressionismo alemão, mas destacou-se por pensar historicamente a economia catarinense. O livro “Evolução Histórico-Econômica de Santa Catarina: estudos das alterações estruturais (século XVII-1960)”, publicada em 1980 pelo Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina (CEAG/SC), contou com a participação de economistas e a leitura histórica do professor Américo da Costa Souto – o autor invisível –, que lhe deu um tom braudeliano.

Essa obra seminal propõe uma estrutura básica para a economia catarinense entre o século XVII e a década de 1960: a satelização em torno de centros nacionais, especialmente o eixo Rio - São Paulo, e a fragmentação em zonas geoeconômicas. Essa longuíssima duração é formada por três estruturas menores – a economia subsidiária e primário exportadora, a “indústria tradicional” e a “indústria dinâmica” – divididas por momentos conjunturais. A geografia é integrada ao olhar histórico sobre a economia catarinense, de forma que o livro visualiza seis zonas geoeconômicas especializadas, como a indústria têxtil no Vale do Itajaí e a produção de carvão na região sul. Esse olhar sobre a descentralização do Estado de Santa Catarina é inusitado na historiografia catarinense, podendo ser pensado para outros aspectos da vida social.

A produção histórica do professor Américo representou uma ruptura significativa em relação à história “tradicional”, praticada por boa parte dos historiadores. O seu caráter

inovador deve-se, sobretudo, à inteligência de pensar tempos históricos diferentes, dando relevo às permanências. Por isso, quando vi a fotografia de Fernand Braudel com a legenda “*l'historien de la longue durée*” na Biblioteca da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS), pensei que ela caberia ao professor Américo. Neste momento de memórias, estou convencido que a alcunha dada ao mestre francês é apropriada ao seu discípulo catarinense.